

Cristina Morató

Rainhas Malditas

Imperatriz Sissi, Maria Antonieta,
Eugénia de Montijo, Alexandra Romanov
e outras rainhas marcadas pela tragédia

Tradução

Mário Dias Correia

Para a minha irmã, Maite Morató,
que tanto me ensinou.

Índice

IMPERATRIZ SISSI, uma estranha na corte	13
MARIA ANTONIETA, a rainha infeliz	95
CRISTINA DA SUÉCIA, um espírito indomável	173
EUGÉNIA DE MONTIJO, um trágico destino	255
VITÓRIA DE INGLATERRA, a viúva de um império	355
ALEXANDRA ROMANOV, a última czarina	433
Bibliografia	515
Agradecimentos	521

Os príncipes e as princesas são apenas escravos da sua posição; não devem seguir as inclinações do seu próprio coração.

Provérbio antigo

Não tenho por muito feliz a condição de rainha: nunca a desejaria para mim. Está-se sujeita às maiores coacções e não se goza de qualquer poder. Uma rainha é como um ídolo: tem de aguentar tudo e ainda por cima mostrar-se contente.

ISABEL CARLOTA, cunhada de Luís XIV,
Palácio de Versalhes, 1719

Não se deve confundir as rainhas dos livros de História com as dos contos de fadas. Os diamantes das suas coroas cegam-nos para a realidade das transacções políticas que o casamento sanciona e das quais alguns prudentes devaneios amorosos raramente as consolam.

CHANTAL THOMAS, *La Reine Scélérate*, 1993



IMPERATRIZ SISSI

Uma estranha na corte

Não me restou outro remédio senão viver como uma eremita. A alta sociedade perseguiu-me e julgou-me injustamente, feriu-me e caluniou-me tanto... E no entanto, Deus, que vê na minha alma, sabe que nunca fiz mal a ninguém.

Confissões de ISABEL DA BAVIERA
ao seu professor de grego,
Constantin Christomanos, 1891

Quando completou trinta e cinco anos, Isabel da Baviera – a famosa Sissi – resolveu ocultar o rosto atrás de um leque e proteger-se com uma sombrinha do olhar dos curiosos. Ela, que tinha sido considerada a mais bela imperatriz da Europa, estava farta de ser vista pelo povo como um ídolo. Além disso, recusou desempenhar o seu papel de encantadora imperatriz do poderoso Império Austro-Húngaro numa corte antiquada e perversa onde sempre se sentiu uma estranha. Nunca mais se deixou retratar, para que ninguém pudesse testemunhar a decadência física que tanto a angustiava. Porque a lenda da sua beleza andava a par com a das excentricidades do seu comportamento. Durante mais de quarenta anos, espantou todas as casas reais da Europa com as suas audácias e o seu desdém pelo rígido ambiente da corte dos Habsburgo. Sissi subverteu todos os padrões da época e esteve muito longe de ser a princesa dócil e ingénua que os filmes mostram. Poder-se-ia encher páginas inteiras com a enumeração das suas bizarras e extravagâncias, fruto de uma doença que lhe transformou a vida num inferno.

Isabel era anoréctica e bulímica; quase não comia, esgotava-se a fazer exercício, sujeitava-se a curas de suor para emagrecer e a hiperactividade obrigava-a a estar em constante movimento, para desgosto e queixa das suas damas de companhia. O imperador Francisco José amou-a até ao fim da sua infeliz vida, mas nunca a compreendeu. Ela, acossada por tragédias familiares e pelas pressões da corte, rondou a loucura e acabou por se refugiar no seu próprio mundo, esquecendo os seus deveres e vivendo apenas para si mesma.

A lendária Sissi nasceu no palácio ducal de Munique na fria noite de 24 de Dezembro de 1837. Por ser domingo e Dia de Natal, o seu nascimento foi recebido como um feliz augúrio. A mãe, a princesa real Ludovica de Wittelsbach, era filha do rei Maximiliano I da Baviera e da sua segunda esposa, Carolina de Baden. Ludovica era a parente pobre das poderosas irmãs, todas muito bem casadas com reis e imperadores. Uma era rainha da Prússia, outra da Saxónia e a mais velha, Sofia, teria sido imperatriz da Áustria se não tivesse obrigado o pusilânime marido a renunciar ao trono a favor do filho mais velho, Francisco José.

Na época, as princesas eram obrigadas, como regra, a pôr de lado os sentimentos para cumprirem as obrigações que o nascimento e a posição lhes impunham. Ludovica não foi excepção e, em 1828, casou com um primo em segundo grau, o duque Maximiliano da Baviera – Max, como lhe chamavam –, homem liberal, boémio e bastante excêntrico que pertencia a um ramo menor da Casa de Wittelsbach. Desde o início, Max confessou à esposa que não a amava e só tinha acedido a casar com ela por receio de incorrer na ira do imperioso avô. Apesar de ter sido uma união de conveniência, sem amor nem harmonia, tiveram dez filhos, dois dos quais morreram pouco depois do nascimento.

Ludovica, uma mulher de notável beleza na sua juventude, contaria mais tarde aos filhos que tinha passado todo o dia do primeiro aniversário do casamento a chorar, porque se sentia profundamente infeliz. Custou-lhe muito adaptar-se à vida boémia do marido, aos escândalos em que estava sempre envolvido e a ter de cuidar sozinha da numerosa prole. Era uma esposa submissa e suportava com abnegação as infidelidades do duque, que costumava almoçar nos seus aposentos no palácio ducal com as duas filhas ilegítimas, pelas quais tinha uma enorme ternura.

A princesa Isabel – a quem todos chamavam Sissi ou Lisi – estava habituada aos lamentos da pobre mãe e nunca esqueceria uma frase que a ouvia dizer muitas vezes: «Quando se está casada, fica-se tão sozinha!» A família vivia afastada das rígidas convenções da corte imperial de Munique e passava longas temporadas na sua residência estival de Possenhofen. Pela sua condição, os pais de Isabel não tinham de exercer qualquer função oficial e faziam uma vida simples e despreocupada no campo, isenta de obrigações.

A futura imperatriz da Áustria nasceu no seio de uma família tudo menos vulgar. O pai, o duque Max, era sem dúvida o mais popular Wittelsbach da sua época, e uma autêntica figura de antologia. Mandou montar no pátio do seu palácio em Munique, situado na Ludwigstrasse, um circo com uma pista e plateia para os convidados onde ele próprio muitas vezes actuava, mostrando as suas habilidades equestres em arriscados números acrobáticos ou vestido de palhaço. Não menos famosos eram o seu *café-chantant*, ao estilo de Paris, e um salão de baile com quarenta metros de comprimento decorado com um enorme friso alusivo a Baco. Era lá que se reunia com o seu círculo de amigos escritores e artistas boémios, num cenáculo conhecido como a Távola Redonda, a que presidia, emulando o rei Artur.

Uma alegre tertúlia literária onde se bebia cerveja, se cantava, se lia e se discutia com fervor. O duque Max foi um apaixonado pela música popular bávara e um célebre compositor para cítara, instrumento que levava consigo nas suas viagens por todo o mundo.

Um mês depois do nascimento de Sissi, abandonou a família para fazer uma longa viagem pelo Próximo Oriente. Quando chegou ao Cairo, tocou cítara no alto da pirâmide de Khufu, para grande espanto dos seus acompanhantes egípcios. Também aproveitou a estada para comprar no mercado de escravos «três pretinhos» que fizeram sensação em Munique, além de uma considerável quantidade de antiguidades. Max, rico e *bon-vivant*, desbaratou a fortuna vivendo como quis. Mas era também muito culto, dono de uma biblioteca com quase trinta mil livros que afirmava ter lido ou pelo menos consultado na sua totalidade. Entre todos os filhos, tinha uma especial predileção por Sissi – referia-se a ela como «a minha prenda de Natal» –, que era a mais parecida com ele em gostos e carácter.

Isabel passou a maior parte da infância e da adolescência no Castelo de Possenhofen, situado num local idílico junto à margem do lago Starnberg. Possi, como lhe chamavam, era um austero e modesto edifício, flanqueado por quatro torres, que se erguia no meio de um vasto parque entre roseirais que desciam até à beira do lago. Apesar de pouco ver os filhos, devido às suas constantes e prolongadas ausências, durante o tempo que passou com eles Max soube inculcar-lhes o amor pela natureza, pela vida simples e pela liberdade. Outra das suas paixões eram os cavalos puro-sangue, e no palácio de Munique organizava concursos de equitação num picadeiro que mandou construir no jardim.

Como o pai, Sissi preferia o campo à cidade e não trocava as frondosas paisagens que rodeavam Possenhofen pelo esplendor dos salões

palacianos. Já em menina amava a vida ao ar livre, montar a cavalo, nadar no lago, pescar, passear sozinha pelos bosques e praticar montanhismo. Também gostava de cerveja e tinha um fraquinho pelas salichas bávaras, de que tantas saudades teria na corte de Viena.

Ludovica, apesar de ostentar desde o nascimento o título de Alteza Real e Princesa Real da Baviera, comportava-se mais como uma dona de casa burguesa do que como um membro da alta aristocracia. Quase não tinha criados e educou ela própria os oito filhos – o que era excepcional numa família nobre –, enquanto o marido fazia uma vida errante longe de casa. A duquesa não tinha grandes ambições políticas, mas vivia sob a influência da sua enérgica irmã, a arquiduquesa Sofia de Áustria. Três anos mais nova, amava com devoção e tinha uma admiração sem limites por esta irmã autoritária que governava a seu bel-prazer o palácio imperial de Hofburg, em Viena. Por medo de perder o seu favor, seguia com algum temor todos os seus conselhos e dava-a sempre como exemplo aos filhos.

A corte austríaca era um lugar remoto para Ludovica, que vivia como uma aldeã, vestia de uma maneira muito informal e não mantinha qualquer contacto com o sobrinho, o rei Maximiliano II da Baviera. Os seus únicos prazeres eram coleccionar relógios e estudar geografia. Max, o marido, troçava dela, afirmando que os seus conhecimentos geográficos vinham dos calendários das missões que pendurava nas paredes do salão.

Até aos seus dezassete anos, Possenhofen é um paraíso para Isabel; adora passear descalça pelos prados e deambular acompanhada pelos seus animais de estimação: um corço, um cordeiro e vários coelhos de diversas raças. A princesa fala o dialecto da região e tem bons amigos entre os filhos dos camponeses da vizinhança. A nova preceptora, a baronesa Wulffen, tentará sem êxito inculcar um pouco

de disciplina nestes oito irmãos meio selvagens educados com muita liberdade e sem preconceitos sociais. Sissi é uma menina delicada e muito sensível que, por vezes, soçobra na tristeza sem motivo aparente.

A baronesa não tardará a aperceber-se de que é especial e diferente da irmã mais velha: «Isabel é por temperamento mais fraca e com tendência para dúvidas e preocupações. A irmã mais velha domina-a.» A pequena princesa não mostra grande interesse pelos estudos, mas escreve às escondidas versos ingénuos e infantis. Também gosta de desenhar e faz esboços dos animais, das árvores do jardim e dos distantes cumes dos Alpes, que exercem sobre ela uma poderosa atracção. Por vezes, o duque Max interrompe as aborrecidas aulas da baronesa e leva os filhos para apanhar fruta no campo ou subir às árvores. Outras, aparece em Possenhofen com uma pequena orquestra e organiza um concerto ou um baile no meio de um prado. Isabel adora este pai ausente, terno e fantasista, com o qual tem tanto em comum.

A 18 de Agosto de 1848, Francisco José faz dezoito anos e o sonho que a sua poderosa mãe acalenta desde há muito tempo está prestes a tornar-se realidade. Depois da abdicação do tio Fernando I, que sofria de uma doença mental, e da renúncia do pai, o arquiduque Francisco Carlos – homem fraco e pouco apto para enfrentar as obrigações da governação –, o jovem torna-se chefe da casa imperial dos Habsburgo. A sua subida ao trono coincide com o deflagrar de uma revolução burguesa na Áustria, que abala os alicerces da monarquia e é reprimida com mão dura pelos militares. Sofia, satisfeita por ter superado esta grave crise sem perdas territoriais, só pensa na coroação do filho. Que não ocorrerá em Viena, por receio de novas explosões de violência na capital, e sim no palácio arcebispo de Olmütz, na Morávia.

A imperatriz exercerá uma grande influência sobre este filho tão jovem e inseguro, apesar de ter afirmado que não se imiscuiria nos assuntos do governo: «[...] quando da subida do meu filho ao trono, formei o firme propósito de não intervir em qualquer assunto de Estado; não creio ter o direito de o fazer e deixo tudo em tão boas mãos, ao cabo de treze anos de penoso abandono, que sinto uma profunda alegria por poder presenciar agora com grande confiança, depois do penoso ano de 1848, o novo caminho empreendido». Mas Sofia não cumprirá a sua promessa e, ao longo dos anos seguintes, será ela a puxar os cordelinhos em Hofburg, centro do poder imperial. As primeiras medidas que Francisco José toma como soberano – entre elas a execução dos opositores políticos e a abolição da prometida Constituição – são obra da mãe. Sofia, pragmática e autoritária, tinha renunciado às suas ambições políticas e conseguido sentar o filho mais velho no trono graças às influências que tinha na corte. É «a imperatriz na sombra» e manipulará a seu bel-prazer o dócil rebento, a quem chama «o meu Franzi».

Na sua juventude, a arquiduquesa Sofia era tão bonita que foi a única das irmãs cujo retrato o primo, o excêntrico Luís I da Baviera, incluiu na célebre Galeria de Beldades da sua residência em Munique. Com dezanove anos, fora obrigada a casar com um homem que não conhecia nem amava, o arquiduque Francisco Carlos da Áustria. Foi uma união política, e apesar de ter compreendido que não poderia mudar o seu triste destino, transformou-se, face à adversidade, numa mulher independente e voluntariosa.

Com o tempo, acabou por amar o bondoso marido «como a uma criança de que é preciso cuidar» e esteve sempre muito atenta à educação dos cinco filhos que tiveram em comum. Em Viena, referiam-se a ela como «o único homem da corte». A arquiduquesa, que sempre

julgaria a nora com extrema dureza, esquecia que também ela fora uma jovem e inexperiente princesa bávara perdida numa corte estrangeira onde não conhecia ninguém e onde se sentia muito só.

Cinco anos mais tarde, Francisco José tinha-se convertido num monarca absoluto e um dos homens mais poderosos da sua época. Fiel representante do Antigo Regime, era o chefe das Forças Armadas e governava sem Parlamento nem Constituição. Na realidade, os ministros faziam o papel de meros conselheiros, porque era ele o único responsável pela política do império.

Na época, a Áustria tinha-se tornado uma grande potência mundial e o maior Estado europeu depois da Rússia, com cerca de quarenta milhões de habitantes. O império abarcava territórios que hoje pertencem à Itália, à República Checa, à Eslováquia, à Hungria, à Polónia, à Roménia, à Ucrânia, à Sérvia, à Bósnia-Herzegovina e à Croácia.

O imperador acaba de fazer vinte e quatro anos e tem um ar de autoridade e um porte majestoso que suscitam a admiração de quantos o rodeiam. Nos retratos oficiais que nos ficaram, vê-se um jovem garboso, louro, de olhos claros, com um cuidado bigode e uma figura esbelta à qual assenta como uma luva o cingido uniforme militar. Era, além disso, um homem atencioso, de maneiras requintadas e um excelente dançarino. Tinha chegado o momento de procurar uma esposa para este monarca considerado um solteiro de ouro pelo qual suspiravam muitas damas da corte. Há já algum tempo que as duas irmãs, Sofia e Ludovica, acalentam o projecto de casar Francisco José com Helena (Nené), a mais responsável e preparada para se tornar uma boa imperatriz. Apesar de a jovem vir de um ramo bávaro secundário e não pertencer à Casa Real da Baviera, ambas estão de acordo em que é a melhor pretendente. Francisco José está de tal modo dominado

pela mãe que fará o que ela decidir e aceitará sem discutir a noiva que lhe for destinada.

Em Agosto de 1853, a arquiduquesa Sofia convida a irmã Ludovica e as duas sobrinhas, Helena e Isabel, para Bad Ischl, uma famosa estância termal onde a família imperial passa o Verão. Francisco José festeja o seu aniversário e é a desculpa perfeita para conhecer a candidata escolhida pela mãe para ser a imperatriz consorte. À primeira vista, Helena é a noiva ideal: bonita, discreta, fala um francês impecável (o francês é a língua usada nas cortes europeias) e aprendeu o complicado cerimonial da corte.

Para Sissi, alheia aos planos da mãe e da tia, esta longa e esgotante viagem pelos tortuosos caminhos da região de Salzburgo é uma estafa. A mãe fez questão de a levar consigo porque está preocupada com o seu estado de ânimo. Com quinze anos, Isabel apaixonou-se por um garboso conde da corte ao serviço do pai, o duque Max, que tratou sem demora de pôr cobro ao incipiente romance e enviar o jovem cavalheiro numa missão qualquer para longe de Munique. Quando regressou, o conde estava muito doente e faleceu pouco depois. Sissi caiu numa profunda tristeza e passava horas fechada no quarto a escrever poemas ao seu amado e a chorar desconsolada.

Ludovica pensou que uma mudança de ares lhe faria bem e que a filha recuperaria a alegria. Além disso, albergava a secreta esperança de que o irmão mais novo do imperador Francisco José, o arquiduque Carlos Luís, continuasse a sentir-se atraído por Sissi. Os dois jovens tinham-se conhecido em 1848, quando eram ainda crianças, numa reunião de família em Innsbruck. Carlos Luís dera mostras de um marcado interesse pela prima bávara, que tinha então onze anos. Durante algum tempo depois disto, os dois trocaram românticas cartas de amor e uma ou outra prenda, mas, com o passar dos meses,

a relação esfriara. A duquesa pensou que talvez aquela viagem reavivasse o interesse do arquiduque pela sua filha mais nova, que tinha mudado muito e era agora uma adolescente «bonita e louçã, apesar de não ter qualquer feição particularmente formosa».

Desde a Primavera que Ludovica não pára de corresponder-se com a irmã para organizar os preparativos de uma viagem em que deposita todas as esperanças. Nesta ocasião tão especial, o duque Max não as acompanhará, para não atrapalhar o projecto matrimonial da filha mais velha, e limitar-se-á a despedir-se delas na fronteira. As suas ideias democráticas e o seu estilo de vida extravagante não são do gosto de Sofia, que se esforça por pronunciar o seu nome o menos possível na corte vienense.

A duquesa chegou a Bad Ischl a 16 de Agosto com as duas filhas, mas teve de resolver vários contratempos. Uma forte enxaqueca obrigou-a a demorar a partida, de modo que chegaram ao destino com bastante atraso. Vestiam as três de luto rigoroso, porque acabava de morrer uma tia muito querida. A carruagem que transportava a bagagem atrasou-se pelo caminho, não lhes dando tempo para trocar as roupas pretas e cobertas de pó que tinham usado para a viagem por outras mais apresentáveis. A arquiduquesa enviou uma criada ao hotel onde se alojavam para ajudar a pentear Helena, que tinha de estar impecável antes de ser apresentada ao imperador. Sissi, a quem ninguém ajudou, desenvencilhou-se sozinha para arranjar os cabelos, que prendeu em duas compridas tranças.

Sofia convidou a irmã e as duas filhas para tomarem chá na Kaiservilla, uma luxuosa e elegante mansão que a monarquia austríaca alugava como residência de Verão. No salão principal, Francisco José, pontual e um tudo-nada nervoso, espera as convidadas, pois sabe muito bem o que aquela visita significa. Só viu as suas duas primas

uma vez e quase não se lembra delas, porque na altura os assuntos políticos açambarcavam toda a sua atenção. Acha Helena bonita, elegante e distinta, ainda que um pouco fria e afectada. Tem vinte anos, mas as suas feições duras e o vestido de luto fazem-na parecer mais velha. Em contrapartida, Sissi, mais espontânea e infantil, parece-lhe encantadora, e não consegue afastar os olhos dela.

Foi amor à primeira vista que a ninguém passou despercebido. «Apaixonado como uma cadete, feliz como um deus», foi como disse sentir-se pouco depois de conhecê-la. O arquiduque Carlos Luís, contrariado e ciumento face ao inesperado interesse do irmão por aquela que tinha sido um seu amor de infância, confessará à mãe que «no momento em que o imperador viu Isabel, surgiu-lhe no rosto uma tal expressão de contentamento que não restou a mínima dúvida sobre qual das duas irmãs escolheria».

Sissi não desfrutou do serão e o nervosismo tirou-lhe o apetite. Ao contrário de Nené, não estava habituada a reuniões sociais e em público sentia-se constrangida. No dia seguinte, o imperador apresentou-se cedo nos aposentos da mãe, que acabava de se levantar. Estava radiante e comunicou-lhe que a pequena Sissi lhe parecia adorável e que era com ela não com Helena que queria casar. Sofia pediu-lhe que não se precipitasse, uma vez que mal a conhecia, mas ele insistiu em que não era conveniente deixar arrastar a situação. A arquiduquesa Sofia deixou registada no seu diário a primeira impressão que a jovem lhe causou: «Mas que encantadora é Sissi! Fresca como uma amêndoa quando se abre, e... que esplêndida coroa de cabelos lhe emoldura o rosto! Tem uns olhos doces e bonitos, e os seus lábios parecem morangos.»

De nada serviu a Sofia recordar ao filho que Helena, com dezanove anos, era uma jovem muito mais madura e preparada para partilhar

o peso da coroa, e a irmã apenas uma rapariguinha. Pela primeira vez, Francisco José, que tanto reverencia e respeita a mãe, mostrar-se-á inflexível na sua decisão. Nessa noite há baile, e o imperador escolhe Sissi para seu par, deixando mais do que claro perante todos os convidados o lugar que ela ocupa no seu coração. No entanto, a prima é tão jovem e inocente que não se apercebe do que se passa à sua volta. Nem o facto de o soberano lhe oferecer todos os ramalhetes que, segundo a tradição, deveria distribuir pelas damas presentes será o suficiente para lhe chamar a atenção.

Depois do baile, em que Sissi usou um simples vestido de seda rosa-pálido, Sofia descreveu com grande cópia de pormenores à sua irmã Maria da Saxónia o aspecto da sobrinha: «Tinha nos belos cabelos uma grande travessa que lhe mantinha as tranças presas atrás. Como é moda agora, afasta os cabelos da cara. A atitude da pequena é tão delicada, tão modesta e perfeita e tão cheia de uma graça quase submissa quando dança com o imperador! Achei-a extraordinariamente atraente, na sua modéstia de menina, e, no entanto, mostrava-se muito natural com ele. A única coisa que parecia incomodá-la era o grande número de pessoas que a olhavam.» O único defeito que Sofia encontra na jovem princesa é ter «os dentes um pouco amarelados». Ludovica promete que lhos lavará com mais esmero para que sejam do seu agrado.

Na manhã seguinte, o destino de Sissi já tinha sido traçado. A 18 de Agosto, festejou-se o aniversário de Francisco José numa cerimónia íntima e familiar. Durante o banquete, ficou sentada ao lado do imperador, que não se cansou de a mimar. Naquela mesma tarde, Francisco José tinha pedido à mãe que sondasse Sissi para saber se ela «o aceitava», mas sem que ninguém a pressionasse. Quando Ludovica perguntou à filha se «se achava capaz de amar o imperador»,

a jovem, angustiada e nervosa, começou a chorar. Entre soluços, respondeu que faria tudo para que o imperador fosse feliz e para ser uma «filha carinhosa» para a sua tia Sofia. Também acrescentou que não compreendia como podia o imperador ter reparado nela, sendo tão insignificante.

Quando, anos mais tarde, alguém perguntou à duquesa Ludovica se a filha tinha sido consultada a respeito dos seus sentimentos antes de dar um passo tão sério, ela respondeu: «Ao imperador da Áustria não se dão negativas.» A duquesa, alheia ao que a filha pudesse sentir, estava muito feliz e agradecida à irmã, tal como escreveu numa carta: «É uma sorte enorme, e ao mesmo tempo uma situação tão importante e difícil, que estou impressionada em todos os sentidos. Ela é tão jovem e inexperiente...! Espero, no entanto, que a tratem com benevolência. A tia Sofia é muito boa e carinhosa para ela, e é para mim um grande consolo a minha filha ter como segunda mãe uma irmã tão querida.» Isabel, já como imperatriz da Áustria, recordaria aqueles dias com menos romantismo, e sentenciava: «O casamento é uma instituição absurda. Uma pessoa vê-se vendida aos quinze anos e faz um juramento que não compreende e do qual depois se arrepende durante trinta anos ou mais, mas que já não pode quebrar.»

Nos dias que se seguem, Sissi vive numa nuvem, cumulada de atenções por um jovem e belo imperador que só tem olhos para ela. Sucedem-se as festas, os bailes, os banquetes em sua honra e as prendas que chegam de todo o lado. O imperador oferece-lhe valiosas jóias, entre as quais um diadema de diamantes e esmeraldas para prender nos compridos cabelos. Francisco José exhibe a sua felicidade, mas, a seu lado, Sissi mostra-se tímida, calada e chorosa. Sofia, alheia aos sentimentos da jovem, escreve à irmã Maria da Saxónia: «Não consegues imaginar como Sissi fica encantadora quando chora.» A Ludovica

preocupam-na menos os prantos da filha do que o facto evidente de ela não estar à altura do que se espera de uma imperatriz da Áustria. Confessa a uma amiga os seus temores e «como a assustava a complicada tarefa que aguardava a sua filha Isabel, que subia da *nursery* ao trono». Além disso, inquietam-na as mordazes críticas das damas da aristocracia vienense.

O pai da noiva foi informado do compromisso da filha preferida através de um sucinto telegrama enviado pela esposa e que dizia o seguinte: «O imperador pede a mão de Sissi e o teu consentimento; continuarei em Bad Ischl até ao fim de Agosto, todos muito contentes.» O duque Max começou por pensar que se tratava de um erro de transcrição, pois dava como ponto assente que a eleita era a sua filha Helena. Ao descobrir que o imperador da Áustria tinha de facto pedido a mão de Sissi, limitou-se a encolher os ombros e responder: «Desaconselho-o, é um pateta.»

E quando na quinta-feira seguinte se reuniu com os amigos da tertúlia à volta da sua Távola Redonda, todos o felicitaram de uma maneira muito jocosa. Num jantar organizado em sua honra a 30 de Outubro daquele ano de 1853, e depois de o vinho começar a fazer os seus efeitos, todos os comensais ali reunidos cantaram em coro versos muito pouco respeitosos da família real austríaca. Ao saber do incidente, Maximiliano, rei da Baviera, chamou a atenção de Max e disse-lhe que, a partir daquele momento, «teria de fazer uma vida privada mais respeitável, uma vez que o noivado da filha com o imperador atraía sobre toda a família a curiosidade pública». Mas o duque não estava disposto a obedecer às ordens de quem quer que fosse, e muito menos daquele monarca fraco e enfermiço.

Em Viena, a arquiduquesa Sofia, que considerava Max uma «desonra para a família e um mau exemplo para os filhos», tentará impor uma

cláusula nupcial que impeça o duque de assistir ao casamento. Ludovica suplicará à irmã que não lhe imponha uma tal humilhação, pois a ausência do marido na cerimónia poderia ser interpretada como um sinal de que ele a trocara por uma das suas muitas amantes.

Sissi cativa todos os que a conhecem, mas na corte vienense há pessoas a quem este casamento preocupa, porque os noivos são não só primos diretos como, ainda por cima, pertencem à família real. Também os pais da noiva eram parentes próximos, e ambos da família Wittelsbach. Esta dinastia, que reinou na Baviera durante setecentos anos, produziu ao longo da sua história uma longa lista de príncipes e reis excêntricos e transtornados. Dizia-se que havia entre eles uma tara hereditária, e até o avô de Sissi – o duque Pio, pai de Max – era um homem deformado e doente que acabou a sua triste vida como eremita, na mais absoluta solidão. Também os primos de Sissi, o rei Luís II da Baviera (o famoso *Rei Louco*) e o seu irmão Otão, foram declarados inaptos para governar devido ao seu comportamento extravagante e a graves perturbações mentais.

Para que a boda imperial possa celebrar-se é necessária uma dispensa papal. Finalmente, a 24 de Agosto, oito dias apenas após o encontro de Sissi com Francisco José, é feito o anúncio oficial do casamento. A notícia causou grande sensação e, tal como Ludovica temia, começaram a circular na corte vienense rumores a respeito da noiva. As primeiras críticas incidiram no facto de a futura imperatriz da Áustria, pertencendo embora à alta aristocracia, não ser da linhagem dos Habsburgo. A inveja e a maledicência da corte que tanto afectariam Sissi estavam apenas a começar.

A 31 de Agosto, a doce estada em Bad Ischl chega ao fim. O imperador Francisco José tem de regressar às suas obrigações em Viena e Sissi ao Castelo de Possenhofen. Custa ao imperador separar-se

da noiva, com a qual partilhou aqueles que foram talvez os únicos momentos felizes da sua austera existência. Como recordação do compromisso matrimonial, a arquiduchessa Sofia decidiu adquirir a Kaiservilla, onde os dois se tinham conhecido, e transformá-la em residência de Verão da família real. Já no Palácio de Hofburg, imerso nos assuntos da corte, o imperador escreverá à mãe: «É na verdade um salto duro e cruel passar daquele céu para esta triste existência de tinta e papel, atormentada e cansativa.» O regresso de Sissi também não é fácil, porque a aguarda um intenso programa de estudos. Durante os oito meses de noivado, teve de se preparar a marchas forçadas para o seu novo cometimento. Era indispensável aprender francês e italiano e aperfeiçoar em muito pouco tempo a sua descuidada formação. Era também importante que aprendesse história austríaca e, três vezes por semana, o conde Johann Mailáth, historiador e frequentador assíduo das tertúlias do duque Max, ia dar-lhe lições. Este professor, por quem Sissi ganhou um grande afecto, era um homem orgulhoso das suas raízes húngaras que soube transmitir-lhe o amor e as reivindicações do seu maltratado país. Não hesitou em explicar à sua atenta aluna como a antiga Constituição húngara tinha sido abolida, em 1849, pelo homem que em breve seria seu marido. Mailáth ensinou à jovem Sissi as virtudes do governo republicano e as suas ideias políticas calaram fundo no espírito da princesa. Já imperatriz, Isabel da Baviera deixou sem fala um grupo de cortesãos durante uma recepção no Palácio de Hofburg ao comentar: «Ouvi dizer que a república é a forma de governo mais conveniente.»

Se antes passava despercebida entre as irmãs, a noiva do imperador passa a ser o alvo de todos os olhares. Três artistas dedicam-se a pintá-la para enviar a melhor miniatura a Francisco José e começam os preparativos para o enxoval da noiva. Ao longo das semanas

seguintes, dúzias de costureiras, bordadeiras, sapateiros e chapeleiras da Baviera trabalharão a todo o vapor para ter pronto a tempo o *trousseau* da futura imperatriz. De longe, a arquiduquesa Sofia não deixa de dar conselhos e recordar à irmã que a jovem princesa devia «limpar melhor os dentes». Sissi interessa-se muito pouco pelos vestidos e as provas constantes são um tormento. As jóias que chegam de Viena mal merecem a sua atenção e nenhuma das valiosas prendas lhe dará tanto prazer como o papagaio que o imperador lhe enviou.

Ludovica nota, preocupada, como a filha se deixa invadir pela melancolia e se mostra calada. Só a chegada do imperador, em Outubro, lhe devolve a alegria por alguns dias. Francisco José sente-se feliz no ambiente informal de Possi; entretém-se a brincar com os irmãos mais novos de Sissi, a passear a cavalo com a noiva e a descobrir as belezas das montanhas bávaras que ela tanto ama. O afecto de Sissi pelo noivo aumenta de dia para dia e cada nova separação provoca nela um maior desconsolo. Certa vez que Francisco José teve de partir precipitadamente porque os seus deveres o chamavam, chorou tanto que «tinha a cara e os olhos muito inchados».

No início de Março, e uma vez conseguida a dispensa papal, foi assinado o contrato de casamento. A futura imperatriz receberia, como dote do duque Max e prova de «amor paterno e especial predilecção», a quantia de cinquenta mil florins, além de um enxoval de acordo com a sua condição e hierarquia. O imperador comprometeu-se a acrescentar a este modesto dote outros cem mil ducados, aos quais acrescentou doze mil ducados como *Morgengabe*, «a prenda da manhã», um antigo costume da Casa Imperial que consistia em indemnizar a noiva na manhã seguinte ao casamento pela perda da sua virgindade.

Além disso, a imperatriz receberia cem mil ducados destinados apenas a «vestidos, adornos e esmolas e outros gastos menores». Porque

tudo o mais (mesa, roupa de casa e cavalos, manutenção e pagamento da criadagem, bem como tudo o que dissesse respeito ao mobiliário e decoração dos palácios imperiais) corria por conta de Francisco José. A dotação anual de que Sissi passaria a dispor depois de ser coroada imperatriz da Áustria seria cinco vezes superior à atribuída à arquiduquesa Sofia. Uma quantia muito considerável, tendo em conta que um operário poderia ganhar por ano cerca de duzentos florins.

Durante a sua última visita a Munique antes do casamento, Francisco José entregou a Sissi uma valiosa jóia, que deveria usar na cerimónia. Um diadema de opalas e diamantes a fazer conjunto com o colar e os brincos, uma oferta da arquiduquesa. Até ao momento, não podia queixar-se da forma como a futura sogra a tratava. Além das esplêndidas prendas, Sofia dedicou-se a decorar com o máximo luxo os aposentos destinados aos recém-casados, localizados numa das alas do Palácio de Hofburg, não olhando a gastos para contentar a nora. Tudo tinha de ser o melhor e o mais caro, desde as tapeçarias às cortinas, aos tapetes e aos móveis. O conjunto de toucador de Sissi era de ouro maciço. Sofia decorou os aposentos imperiais com numerosos tesouros artísticos, quadros, objectos de prata, porcelanas chinesas, estátuas e relógios provenientes das diversas colecções particulares da Casa Imperial.

Quando Sissi escreveu uma carta à futura sogra para lhe agradecer todas estas atenções, a arquiduquesa não gostou do tom de familiaridade usado e fê-lo saber ao filho. A este respeito, Francisco José disse a Sissi: «Não estaria bem que eu, que sou seu filho, a tratasse por você. Todos os outros devem tratar a minha mãe com o respeito e a consideração que a sua idade e condição merecem.» O incidente feriu a sensibilidade da jovem princesa e deixou-lhe uma amarga recordação. Era apenas o início de uma relação impossível com a sogra,

marcada por constantes desavenças. A sua tia e sogra Sofia da Baviera não ia ser para ela uma «segunda mãe», como Ludovica tanto desejava, e sim a sua pior inimiga na corte.

Nos dias que antecederam a boda, o enxoval da futura imperatriz ficou pronto e foi enviado para Viena em vinte e cinco baús. O metuculoso inventário que foi feito de todos os seus pertences prova que a noiva do imperador não era o que na altura se considerava um «bom partido». A maior parte das jóias que Sissi levou consigo foralhe oferecida pelo noivo ou pela sogra quando do pedido de casamento. As damas da corte depressa começariam a julgar, à vista de tão modesto enxoval, a futura esposa do imperador, que desde o início consideraram «uma duquesa bávara sem fortuna nem linhagem». Para Isabel, que tinha dezasseis anos e passava os dias a correr de socas pelos bosques e parques de Possenhofen, aquele enxoval representava um luxo até então desconhecido. Habituada a uma vida simples no campo, ver aqueles elegantes vestidos de cetim, de tule e de seda, e os chapéus de plumas, rendas e pérolas, com os correspondentes espartilhos e merinaques, parecia um sonho.

Um sonho infantil que não tardaria a transformar-se num doloroso pesadelo. Dificilmente se poderia esperar que Sissi, que detestava a sobranceria aristocrática, a etiqueta e as formalidades, conseguisse adaptar-se a uma corte tão rigorosa, pomposa e ultraconservadora como era a vienense. A 27 de Março de 1854, numa cerimónia que decorreu na sala do trono do palácio ducal de Munique e na presença de toda a corte, a princesa Isabel renunciou aos seus eventuais direitos ao trono da Baviera. Nesse mesmo dia foi marcada a data daquele que ia ser o casamento do ano.